

Aldeia Tapirapé, localizada entre os Municípios de Luciara e Santa Terezinha,
Mato Grosso, 1981 e 1982



Casa onde se abrigam as palhas de buriti para se fazer artesanato, 1981

[acervo pessoal]



Lavando louça no do rio Araguaia, rio Tapirapé, afluyente [acervo pessoal] 1982

[acervo pessoal]

Quando se chega aos Tapirapé, podemos ou não ser aceitos. A aceitação passa pela determinação do Cacique em nos dar pertencimento a um desses grupos. Em 1981, cheguei à Aldeia pela primeira vez. O luto por entes queridos já durava quatro meses, e à época, novembro de 1981, o Cacique ordenara o seu fim. Havia, então, uma grande festa assinalando a volta da alegria. A festa consistia na reunião dos grupos de comer na praça central da Aldeia, quando os grupos trocavam entre si toda espécie de alimentos. A festa deveria começar ao por do sol, mas havia presenças de *tori*, denominação dos não-índios: eu, minha companheira de viagem e dois agentes federais, que chegaram para uma 'visita'. Falavam em voz alta que queriam peixe e o delicioso mel preto, que os Tapirapé buscavam no oco das árvores. Era época de ditadura, mas Marcos, o grande e corajoso cacique, não cedia à pressão, porém se preocupava com o horário da festa: olhava com insistência para o momento do ocaso do sol. Até que os

dois agentes entenderam que eram personas não gratas e se retiraram. Marcos, então, antes de ordenar o início da festa nos delegou nosso pertencimento. Fomos aceitas! Meu grupo de comer será sempre o grupo *Chakanepera*. [Diário de campo, novembro de 1981]



Aldeia Taírapé, 1982 [acervo pessoal]

Extraído de Wagley, 1988: 117

[...] Outro princípio organizativo da sociedade Tapirapé são os “grupos de comer”, *tataopawa*. Como seu próprio nome indica, reúnem-se para o consumo de alimentos e atualmente têm função basicamente cerimonial. Até o final da década de 1940, no entanto, atuavam como reguladores, reunindo-se para a distribuição e consumo de alimentos (Wagley, 1977: 15). São grupos de consumo de alimentos (da roça, caça, coleta, pesca etc.) intermediários entre a aldeia e o grupo doméstico. Os “grupos de comer” constituem laços que unem pessoas de casas diferentes, formando uma única unidade social. A transmissão ao “grupo de comer” específico se faz de modo que os filhos pertencem ao grupo do pai e as filhas ao da mãe. Wagley cita oito grupos de *tataopawa* (aqui registrados segundo sua grafia original):

***Tataopawa* - “Grupos de Comer”**

- *Amirapé* (os primeiros)
- *Maniutawera* (os da mandioca)
- *Awaiku* (os da mandioca doce)
- *Tawaupera* (os da aldeia)
- *Chakanepera* (os do jacaré)
- *Chanetawa* (os da nossa aldeia)
- *Pananiwana* (os do rio)
- *Kawano* (os da vespa)

[Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tapirape>. Acesso: 19/09/2020; 11:00 a.m.]

A caçada, 1982

[acervo pessoal]



Segunda pesquisa de campo - 1982

O acesso à Aldeia Tapirapé, à época, era feito de avião de grandes companhias entre Rio e Brasília. A viagem prossegue em aviões de companhias regionais até o município de Santa Terezinha, de onde prosseguimos por terra, como foi em 1981, ou de voadeira, pelo rio Araguaia, em 1982. A viagem até Santa Terezinha foi terrível, em 1981, sob um intenso temporal, num avião, ao meu olhar, frágil como uma lata velha. A tensão foi muita e o piloto avisava que, se estivesse chovendo em Santa Terezinha, não aterrissaria em pista de barro. E pousaria em pista mais segura, em qualquer fazenda que estivesse no percurso. Ingenuamente, indaguei como faríamos, então, para chegar à Santa Terezinha, nosso destino. “Ôces se viram! Pede carona pra alguém.” Santa Terezinha ajudou, e a pista estava seca. Durante a viagem, disse em voz alta: nunca mais volto aqui! Dez meses depois, em setembro de 1982, estava de volta aos Tapirapé. Desta vez, o tempo ajudou, e a viagem foi sem sobressaltos. Estava em companhia da professora Yonne Leite, do Museu Nacional. Precisávamos encontrar com Dom Pedro de Casaldáliga, com recomendações das bases da pastoral da terra, que estavam no Rio, antes de partirmos. De Santa Terezinha, fomos até São Félix do Araguaia, onde morava e trabalhava Dom Pedro. Já havia encontrado, no ano anterior, com Dom Pedro em Santa Terezinha, quando nos cumprimentou. A emoção foi muita, quando ele se aproximou da carroceria do caminhãozinho onde estávamos, dizendo: “Cadê as linguistas?” Minha voz embargou.

Em São Félix, a emoção foi maior, passamos um dia na Kombi de Dom Pedro, presenciando seu trabalho de assistência e de conscientização do dever e trabalho de cada um. Pregava a importância do movimento da Pastoral da Terra. Durante o dia, comemos uma merendinha acompanhando Dom Pedro em suas andanças. À noite, comemos arroz, peixe assado e banana frita, preparados por ele próprio. Depois de colocar a conversa em dia, fomos dormir. Dormi na sala numa rede colorida, na casa de Dom Pedro de Casaldáliga!! Vivência inesquecível, valeu mais do que qualquer texto que tenha lido sobre ele.

No dia seguinte, de manhã, pegamos a voadeira rumo à Aldeia. Chegamos à noite na Aldeia e presenciamos o pôr do sol no leito do rio Araguaia. Outra vivência!

Aliás, o ano de 1982 foi de grandes experiências. Numa manhã, crianças e adultos, em alvoroço, nos chamavam para ver a onça. Chico havia caçado um filhote de onça pintada e, com orgulho, exibia seu feito. Nunca tinha visto uma onça de perto. Passei a mão em seu pelo aveludado e – que coragem! – coloquei a mão em seu focinho. Em seguida, acompanhei o preparo da caça. Cuidadosamente, Chico retirou todo o couro da onça e fez uma treliça de taboquinha para colocar o couro para secar. Na véspera de eu vir embora, me ofereceu a pele da onça, que trouxe comigo.

[Diário de campo, setembro de 1982]

Bibliografia

Alfabetização Tapirapé: reflexões sobre uma experiência. Cadernos de Estudos Linguísticos. Vol. 4, 1983

O Papel do aluno na alfabetização de grupos indígenas: a realidade psicológica das descrições linguísticas. Boletim do Museu Nacional - Nova Série. Vol. 53, 1985

Considerações sobre a estrutura discursiva na língua Tapirapé. Vol. 12. Série Estudos - O Histórico e o Discursivo, 1986

O Papel do aluno na alfabetização de grupos indígenas: a realidade psicológica das descrições linguísticas. In: Oliverira Filho, J. P. (org.) Sociedade Indígena e Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1987

A questão discursiva e a elaboração de cartilhas em línguas indígenas. in: Seki, L. (org) Linguística Indígena e educação na América Latina. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993

Cartilha Tapirapé E Caderno de Exercícios Tapirapé. Prelazia das Irmãzinhas de Jesus, 1983